



SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

DIRECTOR
AUGUSTO**O SECULO**DE SANTA
RITA

O vizinho o pardal



de todos vós bem conhecido o amigo Pardal, ave que dá bastante interesse ao lavrador pelo grande número de insectos

que devora. É certo que também tem os seus inimigos que lhe atribuem a destruição de alguns cereais. Mas tal destruição pode considerar-se como recompensa dos seus serviços. Não emigra, como fazem muitas outras aves. Ora como se dá esta circunstância, vizinho como é de nossas casas, acontece que o nosso amigo *fala-nos*, segundo as necessidades em que se encontra. E, assim, no inverno, quando há muito frio e pouco de comer, ele apro-

por JOSÉ DO VALE

xima-se das nossas vivendas, faz-se meigo para obter algumas migalhas de pão, nunca se esquecendo de proferir as amáveis palavras de: — «vizinho... vizinho...»

Mas, logo que seja passado o inverno, quando começa a sentir o grão da cevada, do trigo, do centeio ou do milho, então encrespa-se e, todo orgulhoso, diz para quem passa ou para quem dele se aproxima — «arreda — arreda... arreda — arreda...»

E, como herdou este acício de linguagem de seus pais, é por isso que ele, ainda hoje, nunca desiste de chamar: — «vizinho... vizinho... vizinho...» durante o inverno. E, fora do inverno, torna-se fanfarrão como já dissemos e profere sempre o seu contínuo: — «arreda — arreda... arreda — arreda...».

Não nos devemos orgulhar com a riqueza, porque podemos voltar à pobreza.





O
D
R
A
G
Ã
O

P
O
R



NA
TÁLIA
DE
SANTA
C
R
U
Z

D e s e n h o s d e C A S T A Ñ É



INA, no seu pequenino leito de peles, delirava, cheia de febre. A mãe, de joelhos ao seu lado, pedia a Deus que lhe não levasse, e a um canto, desesperado, está Ivan olhando a sua querida irmãzita.

Mãe, dá-me a receita; eu e o Dragão vamos à cidade aviá-la; o pai não

vem tão cedo e Nina está a sofrer muito; depressa, mãe, dá-me que eu não me demoro.

— Mas, filho, neva tanto, e tu és tão pequeno, não poderás com a caminhada, e perder-te-hás pelo caminho, meu filho.

— Não, mãe; não me perderei e Deus me guiará; anda, depressa, dá-me a receita do calmante para Nina.

Pouco depois saía com o Dragão, um cão enorme, todo branco, que latia alegremente por ir com o seu pequeno dono. Para evitar perder-se, atou uma corda

à coleira do cão e, pegando na outra extremidade ordenou:

— Dragão, vamos à cidade depressa.

A neve continuava caindo e o pequenito, de vez em quando, parava para esfregar as faces doridas pelo frio.

Chegou, finalmente, à cidade, rapidamente. O farmacêutico aviou-lhe o calmante. Agora, novamente, Ivan se punha a caminho com o seu fiel Dragão.

Ah! mas, desta vez, as suas pernitãs, de 11 anos, estavam cançadas e, a meio do caminho, recusaram-se a andar; o seu desespero era enorme. Caiu de joelhos. De mãos postas, erguendo os olhos pediu: Senhor! Senhor! tem piedade da Nina; não a deixes morrer, dá-me forças para chegar a casa!

Ô Dragão gania desesperadamente, e, vendo que Ivan não se levantava, agarrou com os dentes o fato e arrastou-o alguns metros, mas cedo teve que desistir, porque o fardo era demasiado pesado para as suas forças.

Ivan, vendo que lhe era impossível andar, atou à



coleira do cão o remédio para a irmãsita e, fitando o nobre animal, disse:

—Vai, Dragão, para casa, salva a tua Nina, anda vai!... O cão levantou as orelhas e, ganindo dolorosamente, deitou-se a seu lado.

— Não, não; disse desesperadamente Ivan, vai, vai... à Nina. Desta vez o cão, compreendeu e desatou numa correria louca, em direcção a casa.

Num instante estava junto da mãe do pequeno que lhe tirou o remédio da coleira e, ansiosa, lhe perguntava, como se êle lhe pudesse responder:—Ivan, onde está Ivan?! O Dragão gania e, quando ia a sair para ir para junto do seu pequeno dono, chegou o pai que vinha da caça aos lobos.

Rapidamente a mulher lhe contou o que se pas-

sava, e êste, sem demora, correu acompanhado do fiel Dragão para junto de Ivan que, agora jazia sem acôrdo, meio coberto de neve. Rápido, pegou no filho e correu para casa para o reanimar.

Quando Ivan abriu os olhos, achou-se nos braços do pai que lhe sorria, junto da lareira.

—Nina? Nina?!, perguntou. O pai apontou-lhe o leito onde a irmãsita, agora, dormia calma, devido ao remédio que, com sacrificio da vida, êste lhe fôra buscar à cidade.

Ivan sorria satisfeito, pegou na cabeça do seu fiel cão que o olhava com ternura e deu-lhe um beijo de reconhecimento. Os olhos do pai e da mãe estavam raios de lágrimas.

Benguela, 20-IV-930.

F I M

O MENINO PERDIDO

Eis o título da linda novela que iniciaremos no
PROXIMO NUMERO
 original de

Augusto de Santa-Rita
 ricamente ilustrada por
Adolfo Castañé

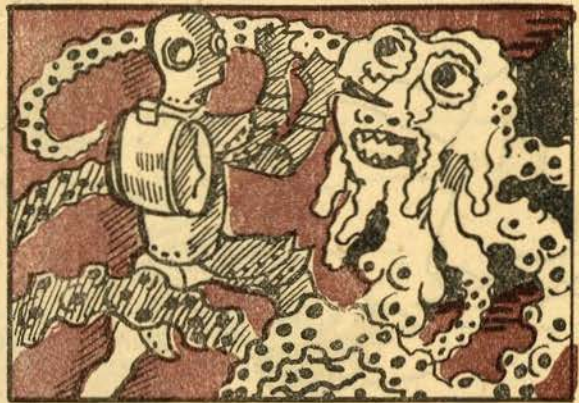
Aventuras de PIM, PAM e PUM

por **Castañé**

(Continuado do número anterior)



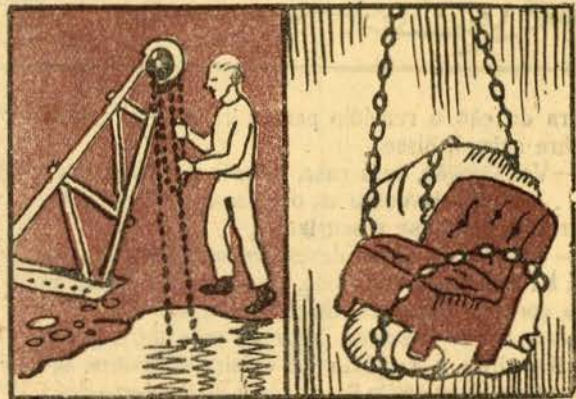
1—Felizmente o submarino tinha um dispositivo que permitia sair d'ele e eu saí para ver se o podia descalhar.



2—Mas fui atacado por um terrível monstro marinho, o qual por fim venci, mercê do meu fato de aço.



3—Quando andava observando o exterior do barco, deparei com a entrada duma gruta submarina. Entrei e acendendo uma vela para ver o que haveria na superfície...



4—Fui assim parar a este paraizo subterrâneo. Instalei um guincho com o qual elevei, do fundo d'este lago, o necessário, para mobilar um gabinete, dormindo nessa noite aqui.



5—Mas não estava só. Altas horas, senti no corpo um roçar de asas, ao mesmo tempo que notava uma respiração bafejar-me o rosto.

(CONTINUA NO PRÓXIMO NUMERO)

CARAPETÕES E CRENDICES

Por **Carlöfer**

Quando um menino, ou menina,
Faz maldades, é traquina,
Vem logo à balha o papão
Que anda em cima do telhado,
Pela rua, esfarrapado,
Com grande saco na mão.
Mau sestro de incutir medo,
Pois de ninguém é segredo
Que não existem papões;
São lendas que nos ficaram
Doutras eras, que passaram,

São meros carapetões.

Um inocente miúdo,
Pòbrezinho, crê em tudo,
Mal podendo discernir;
E sempre se lhe depara
Gente inculca, gente ignara,
Para terror lhe infundir.

Histórias de bruxaria,
Lobis-homens, duendaria,
Almas do mundo dalém...
Coisas levadas da breca,
De ouriçar a um careca,
Se fôr ingénio também.

No meu coração revive
Criada velha que eu tive
Nos bons tempos de rapaz;
Ela impingia-me loas,
Mas as *minhas*—e das boas!—
Não lhes ficavam atrás.

Duma vez, sem rebelião,
Para ninguém dar por isso,
Fui-me ao quarto que era o seu,
Tiro à cama os parafusos,
E a roupa, de vários usos,
Fica exposta num museu.

Voltando a si da surpresa
Que lhe causara a proeza,
Logo o dedo pôs em mim.
—“Ora vê lá como falas!
«Quem revolveu leito e malas?
«Decerto bruxa ruim».

Meus pais riram à sucapa,
Mas a mim nada me escapa,
Sou fino como um coral;

No entanto, a minha finura
Não me livra, em dada altura,
Duma sova paternal.

E' que eu, como ela insistisse
Na sua parlapatice
Dos mitos de *trólaró*,
Cortara rente, à escovinha,
O cabelo que ela tinha
... Num reverendo chinó.

Pobre Júlia! Como louca,
Na cabeça enfia touca
—Onde bem penetra o ar...
Não mais os contos antigos;
Ficámos ambos amigos
Até a morte a levar.

Em conclusão, meus meninos:
Dêem de mão aos cretinos
Que em trevas os queiram pôr,
Das historietas de fadas
E princesas encantadas
Também é fraco o valor.

Os que, na sua inocência,
Propendem à existência
De seres desnaturais,
Colham êste desengano:
—Na terra, de sôbre-humano,
Há somente o amor dos pais!

P. S.
Vejam lá no que se metem!
Não rapem nenhum chinó,
Porque a sova, certamente,
Não se fez para mim só...



O CASTOR E O PEIXE

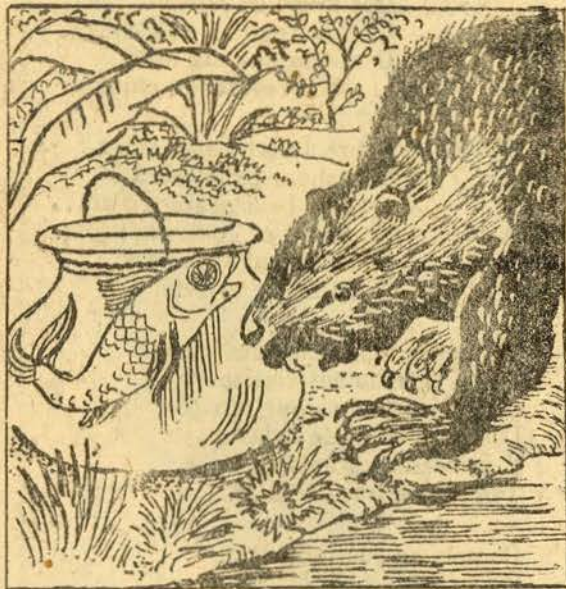
Por José Guerreiro
Desenhos de CASTANÊ

CONTA-SE que, num dia de primavera em que o sol se debruçava da linda janela do céu, que está quasi sempre fechada durante o feio inverno, um pequeno rio, (com o seu dorso brilhante como prata, e parecendo que corria, corria alegremente, cheio de encanto, por estar um tempo tão lindo), murmurava uma canção que principiava assim:

Se tens sede vem beber
Na palma da minha mão...

E as ávezinhas acediam, jubilosas, ao convite das águas e desciam das árvores em revoadas joviais e bebiam.

Um castor, orgulhoso, com a sua pele muito lustrosa e macia, estava assentado à beira da água contemplando pachorronto aquele espectáculo dos passaros saciando a sua sedezinha. E pensava: «Se os peixes tivessem azas e voassem, não poderia apanhar nenhum». Mas não as tinham e ele fazia no rio o que queria. Os indefesos peixes que viviam no mesmo elemento que ele, muito difficilmente escapavam à sua voracidade. Mas havia um, só um, que conseguia fugir-lhe sempre. Era irritante; não porque a ele lhe importasse grande coisa, tanto se lhe dava comer este como aquele peixe, mas como tudo o que não se tem é o que mais se deseja, ainda que seja inferior ao que se tem, o castor não se conformava com aquele estado de coisas. Por seu lado, o peixe, dizia para si: — Isto de ter que fugir sempre é de veras humilhante. Nem sequer posso dizer nada a esse bruto! — Ainda a única forma de diminuir a possibilidade de ser agarrado era guardar uma respeitável e respeitosa



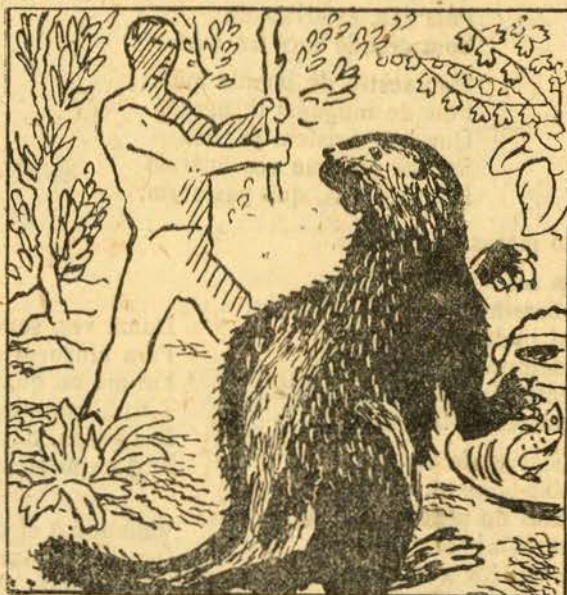
distância... Nunca fiando... Mas o teimoso castor o via sempre, a todo o momento, sempre, tanto mais que aquele peixe não era igual aos outros. Todos eram brancos ou escuros, mas aquele tinha um delicado tom cor de rosa claro que servia constantemente de alvo ao perscrutador olhar do seu inimigo.

— «Ah se ele pudesse falar áquela féra, frente a frente, sem receio, sem precisar fugir-lhe! Havia de lhe deitar em cara toda a sua ferocidade e torpeza. Havia de acordar a sua consciência e, talvez, cravar-lhe o punhal afiado do remorso na alma».

E o pobre peixe tinha sempre uma esperança.

Realmente, chegou o momento tão desejado e que parecia de todo impossível. Um dia, o castor viu-o, fitou-o, e, lentamente, numa atitude parecida à dos gatos quando espiam um rato, foi avançando para ele, ainda que admirado da imobilidade da sua vítima... De repente, dum formi-

dável salto, caiu-lhe em cima, mas as suas unhas não chegaram a feri-lo, quasi lhe tocavam, mas, não sabia porque estranho fenómeno, escorregavam em sua volta. Era como se uma couraça invisível o tornasse invulnerável. O peixe, assustou-se primeiro, debateu-se dentro do seu espaço intangível, mas, em breve, verificou a importância do seu adversário, e, então, um riso nervoso o fez estremecer durante al-



guns segundos. Depois falou, falou, falou, satisfazendo assim os seus desejos tanto tempo reprimidos.

— Covarde, até que, enfim, te posso acusar! — dizia: — Não tens vergonha de nos atacar, de nos comer, a nós que somos tão pequeninos, tão pacíficos. Não vês como nos parecemos aos passarinhos? Nós vóamos pela água e eles vóam pelo ar; e, tanto eles como nós, não fazemos mal a ninguém; porque não atacas outros seres mais fortes! Não te envergonhas?

O castor ficou interdito, meio aparvalhado. Era a primeira vez que um peixe lhe podia falar, que tinha tempo para isso antes de ser devorado. Ora que estranho fenómeno, poderoso e divino, defende a justamente aquele que ele há tanto tempo cobiçava?

Reparou que estava fóra da água e parecia-lhe que o peixe também estava. Mas como podia ser? Bem lhe tinha dito uma raposa velha em certa ocasião:

— «Tudo pode acontecer neste mundo, a questão, é Deus querer». Mistérios!

Mas espera! O peixe saltava em sua volta, crescia, tomava corpo, tinha braços como um homem e, esgrimindo um pau, eis que lhe descarregava uma pancada na cabeça que, por pouco lhe fez perder os sentidos... Oh! milagre!...

Fôra o caso que, momentos antes de se dar este episódio, um pescador tinha levantado a sua rede, e vendo aquele peixe cor de rosa entre os outros, meteu-o num pequeno acuario esférico de vidro, que colocou sobre a relva fresca da margem do rio, enquanto ia almoçar, ali próximo, debaixo duma copada e acolhedora noqueira.

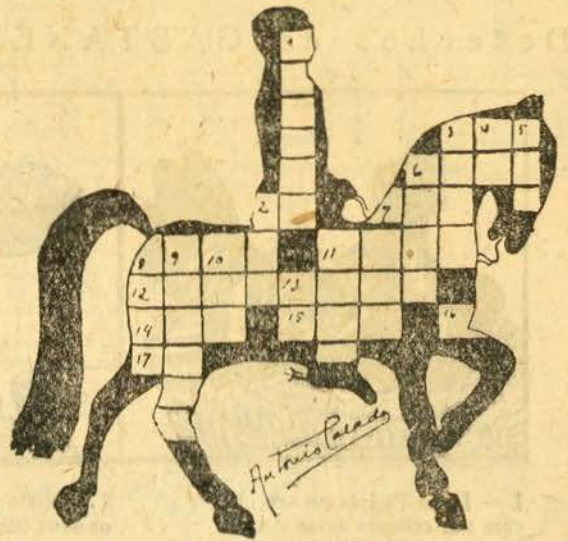
Quando foi buscar o peixe, surpreendeu o castor ás voltas com o acuario, e, então, munido-se dum junco, quiz matar o animal. Na precipitação, deu sem querer no acuario partindo-o, ficando o peixe aos saltos, na relva... Mas o castor não podia compreender, e, raivoso, cheio de medo, atirou-se à água e desapareceu, quasi ao mesmo tempo que a sua vítima, pois num dos pulos caiu por acaso no rio. — E há quem diga que o castor emigrou daqueles sitios, não fosse o caso repetir-se.

HORA DE RECREIO

ADIVINHAS

A RUI PINHEIRO D'OLIVEIRA

- 1.^a Qual é o monte português que é um animal?
- 2.^a Qual é a terra portuguesa que tem o nome de árvores?
- 3.^a Qual é a ilha portuguesa que é um ruminante?
- 4.^a Qual é o canal português que tem nome de aves?
- 5.^a Qual é a ilha portuguesa que não é mansa?
- 6.^a Qual é a ilha portuguesa que é nome dum mês?
- 7.^a Qual é a ilha portuguesa que é bela?
- 8.^a Qual é a serra da Europa que é um animal?
- 9.^a Qual é rio da América que é um metal precioso?
- 10.^a Qual é a ilha que é o contrário de Porto Pobre?
- 11.^a Qual é o lago da América que é um animal?
- 12.^a Qual é a terra portuguesa que também ha na América?
- 13.^a Qual é a terra portuguesa que é sentinela?
- 14.^a Qual é a terra portuguesa onde ha oliveiras?
- 15.^a Qual a terra portuguesa onde se toma banhos?



PALAVRAS CRUZADAS

O CAVALIRO — A PEDRO C. B. JARDIM D'OLIVEIRA

HORISONTALMENTE

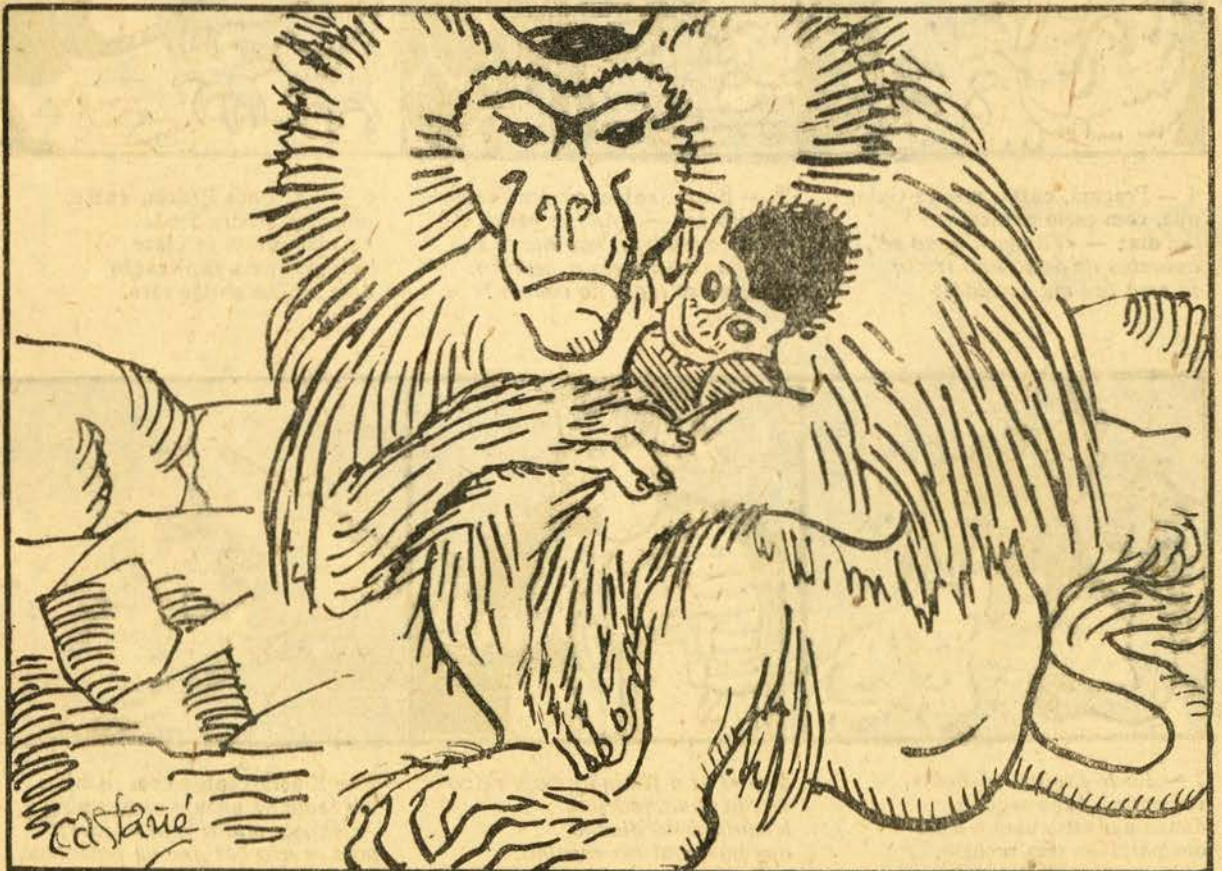
- 2, medida de capacidade do Japão—3, forma do verbo fiar—6, percorrer o espaço aéreo por meio de acção das asas—7, colarinho em francês—8, animal—11, que anda no mar—12, gaz incolor, que resulta do azote e hidrogé-

nio—14, satélite da Terra—15, curso de água—16, consoante—17, gaz que forma a atmosfera.

VERTICALMENTE

- 1, animal selvagem—2, pronome possessivo francês—3, que têm as forjas—4, forma do verbo ir—5, altar—6, parecer eleição lista cumprimento de promessa—7, fruto—8, traje para dias de festa—9, almofeira—10, corda estendida de um navio para o outro para o rebocar—11, pequeno golfo—13, forma do verbo ir.

PARA OS MENINOS COLORIREM



Dona Pedrês intrigada

Desenhos de CASTAÑÉ

Versos de SANTA-RITA



1 — Dona Pedrês no seu chôco, com um critério assás ôco, pensa na sua ninhada, que iria ter, dentro em pouco, pois tinha-a quási gerada.



2 — Nisto, cuidando já natos os seus filhinhos, tão gratos ao seu amor, vê, com mágua, que os pintinhos eram patos que andavam por cima d'água.



3 — E diz mestre Macaco que supõe ter muito caco: — «Exp'ica-me isto ó vizinho ?!» Volve o gorila velhaco: — «Não sei; não lavo o focinho !...»



4 — Procura, então, mestre Gato, que, com certo desacato, lhe diz: — «Também nada sei, assuntos de água não trato; já uma vez me escaldei!»



5 — Busca, então, mestre Coelho insistindo: — «Amigo velho, explica-me isto, não ouves ?!» — «Eu cá só meto o bedelho, quando se trata de couves !»



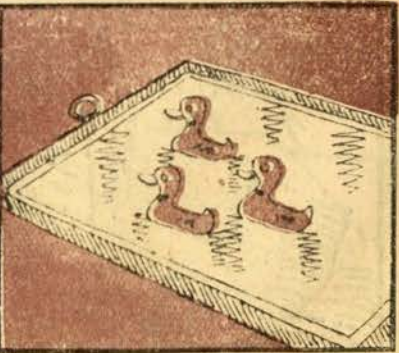
6 — Vai Dona Pedrês, então, procurar mestre Sapão, cid'ão muito preclaro, pedindo-lhe a explicação dum fenómeno tão raro.



7 — *«Eu te explico já tudo»*, responde o sapo sapudo, dando um salto para o meio dos patinhos sem recheio, como partida de Entrudo.



8 — *«Fol o filhinho mais velho da tua dona, fedelho levadinho do diacho que pôs aqui um espelho, a fingir que era um riacho»*.



9 — E acrescentou com risinhos um tanto ou quanto escarninhos: — *«Foste muito «patetoide»; pois tu não vês que os patinhos são feitos de celulotide ?!»*